

O atentado contra Trump e a morte da verdade

Nas próximas semanas vamos continuar a assistir a uma escalada incessante da guerra de significados sobre o que aconteceu, movida por ódio, ressentimento e intransigência.



Rita Figueiras

17 de Julho de 2024, 0:25

Vários canais de televisão norte-americanos transmitiam em direto o último comício de Donald Trump antes da convenção nacional do Partido Republicano, quando os tiros contra o ex-Presidente foram disparados (<https://www.publico.pt/2024/07/14/mundo/noticia/trump-ganhou-imagem-poderosa-narrativa-providencial-nao-eleicao-2097546>). Inevitavelmente, os mais variados canais de informação pelo mundo fora suspenderam as suas emissões para se dedicarem a este momento crítico da democracia norte-americana - e do mundo. E todos seguiram a mesma estratégia: enquanto jornalistas, especialistas e comentadores debatiam a ocorrência, os canais mostravam, em *loop*, o atentado. Deste modo, assim que a sequência terminava com Trump a abandonar o recinto numa carrinha, via-se outra vez o candidato no pódio tranquilamente a discursar. Tal repetição sem fim produziu uma metáfora visual profundamente irónica da política norte-americana desde que *The Donald* decidiu candidatar-se à Presidência dos Estados Unidos, em 2016: Trump continuamente encurralado, enquanto habilmente se salva e tudo transforma em imagens poderosas, em *image-bites*.

O atentado reúne as características certas para produzir especulações infundáveis e para ser estraçalhado pela máquina trituradora de factos que é o ecossistema comunicacional contemporâneo. Segundos depois de ter ocorrido, começaram a circular na Internet teorias da conspiração para todos os gostos. Ao mesmo tempo que as mais variadas explicações inundavam as redes sociais e contaminavam a cobertura jornalística, no fluxo da torrente digital germinavam teses negacionistas - a ocorrência era falsa e os recortes dos disparos que circulavam *online* tinham sido gerados por inteligência

artificial. O ataque rapidamente se transformou em mais um argumento para alimentar sentimentos pró- e anti-Trump: em vídeos, *lives* e *memes*, os factos em torno do tiroteio foram objeto de níveis de distorção que o colocaram em territórios da desinformação.

O atentado é um claro exemplo da crescente violência na política norte-americana, mas as discussões incessantes sobre o que aconteceu dão conta de uma outra crise profunda em curso no país e nas demais sociedades ocidentais: uma crise epistémica na democracia.

O ambiente digital é avesso à disciplina da verificação, e a destruição da noção de que existem factos é mais uma prova de que tudo se tornou uma questão de opinião. As alegações falsas e conspirativas, que fluem livremente pelas redes sociais e contaminam o trabalho jornalístico, contribuem para pôr tudo em causa. Este ambiente é, igualmente, promovido por figuras institucionais da política americana que emitem, espalham e alimentam perspetivas enganosas do sucedido. E nas próximas semanas vamos continuar a assistir a uma escalada incessante da guerra de significados sobre o que aconteceu, movida por ódio, ressentimento e intransigência. Neste contexto, a possibilidade de estabilizar um entendimento comum em relação ao ataque parece impossível.

A tentativa de assassinio, provavelmente, não vai fazer ninguém mudar a sua perspetiva sobre as eleições, mas pode ter o efeito poderoso de cristalizar convicções, contribuindo para a calcificação profunda da sociedade norte-americana. Com o país num impasse e estilhaçado, resta saber quão esgaçado estará o tecido social quando for às urnas, e em que estado estará a confiança no sistema eleitoral depois de contados os votos. Se é cada vez mais difícil tentar viver num mundo baseado em factos e fontes credíveis, uma das verdadeiras tragédias contemporâneas é que as notícias sobre a morte da verdade não são manifestamente exageradas.

A autora escreve segundo o novo acordo ortográfico

P

Abrir portas onde se erguem muros

Siga-nos

- ✉ Newsletters
- 🔔 Alertas

Sobre

- Provedor do Leitor
- Ficha técnica

[f Facebook](#)

[X](#)

[Instagram](#)

[in LinkedIn](#)

[Youtube](#)

[RSS](#)

[Autores](#)

[Contactos](#)

[Estatuto editorial](#)

[Livro de estilo](#)

[Publicidade](#)

[Ajuda](#)

Serviços

[Aplicações](#)

[Loja](#)

[Meteorologia](#)

[Imobiliário](#)

Assinaturas

[Edição impressa](#)

[Jogos](#)

[Newsletters exclusivas](#)

[Estante P](#)

[Opinião](#)

[Assinar](#)

Informação legal

[Principais fluxos financeiros](#)

[Estrutura accionista](#)

[Regulamento de Comunicação de Infracções](#)

[Política para a prevenção da corrupção e infracções conexas](#)

[Plano de Prevenção de Riscos de Corrupção](#)

[Gerir cookies](#)

[Ajuda](#)

[Termos e condições](#)

[Política de privacidade](#)

EMAIL MARKETING POR



@ 2024 PÚBLICO Comunicação Social SA